

MULHERES DE LETRAS NO CEARÁ (1880-1925): DOS ESCRITOS À CENA PÚBLICA¹

Valérie Ketterer²

Resumo

Com este artigo, que marca o início de um projeto maior, pretendemos contribuir ao resgate da história das mulheres intelectuais brasileiras, ao estudar as primeiras escritoras e jornalistas do Ceará. Descobrimos assim que a literatura feminina cearense começa bem antes da publicação de *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. De fato, já pelos anos 1880, aparecem inúmeros escritos femininos nos diversos periódicos do Estado, e alguns anos mais tarde, surgem os primeiros romances e livros de poesia assinados por mulheres. Professoras e solteiras, de classe média, católicas, essas mulheres não publicaram só aqueles textos ou poemas românticos - cheios de devaneios, fora do tempo e da realidade -, em conformidade com a tradicional, recata, passiva e doméstica figura da mulher do século XIX; elas não se limitaram também a escritos pedagógicos. Algumas, mais ativas e ousadas, defenderam idéias pessoais e participaram até dos principais movimentos culturais e políticos da época. Assim, vemos-nas aparecer no espaço público, tanto na arena literária quanto no debate político e social: elas fundam jornais, pertencem a grêmios, lutam pelos ideais liberais e modernos - como a abolição da escravatura ou o combate contra as oligarquias. Todavia, em particular no tocante ao feminismo, essa atuação faz-se com uma certa cautela e várias ambigüidades, o que finalmente não surpreende quando se vê as dificuldades e a lentidão com que elas foram aceitas por seus próprios colegas - os homens de letras.

Palavras-chave: literatura feminina, jornais, vida cultural, lutas políticas e sociais, Ceará “Belle Époque”, relações de gênero.

Résumé

Posant les jalons d'un projet plus ample, cet article cherche à exhumer l'histoire des intellectuelles brésiliennes,

par le biais de l'étude des premières écrivaines et journalistes du Ceará. Nous avons ainsi découvert que la littérature féminine cearense est bien antérieure à *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. De fait, dès les années 1880, on voit se multiplier les écrits féminins dans les divers périodiques de l'État, et, quelques années plus tard, apparaissent les premiers romans et recueils de poésie signés par des femmes. Institutrices, célibataires, catholiques et de classe moyenne, ces femmes n'ont pas seulement publié ces textes ou poèmes romantiques - emplis de rêveries, hors du temps et de la réalité - intimement associés à l'image traditionnelle, modeste, passive et domestique de la femme du XIX^e siècle; elles ne se sont pas non plus contentées de rédiger des écrits pédagogiques. Certaines, plus déterminées et hardies, ont osé affirmer leurs idées et sentiments, et ont parfois pris part aux principaux mouvements culturels et politiques de l'époque. Nous les voyons ainsi surgir dans l'espace public, et se manifester dans divers débats littéraires, politiques et sociaux: elles fondent des journaux, sont admises dans des clubs, luttent en faveur des idéaux libéraux et modernes - comme l'abolition de l'esclavage ou le combat contre les oligarchies. Toutefois, notamment dans le cas du féminisme, leurs positions restent prudentes et non dénuées d'ambiguïté. Ce qui ne surprend guère, en réalité, lorsque l'on mesure les réactions peu favorables qu'elles rencontrèrent chez leurs propres collègues masculins.

Mots-clé: littérature féminine, journaux, vie culturelle, luttes politico-sociales, Ceará “Belle Époque”, relations de genre.

APRESENTAÇÃO

Esse artigo inicia um trabalho mais amplo sobre mulheres e escritos no Ceará da virada do século e constitui um balanço de seis meses de pesquisa, tentando responder a uma interrogação: houve escritoras cearenses antes de Rachel

¹ Uma versão resumida deste artigo foi apresentada no XIX Simpósio Nacional da ANPUH em Belo Horizonte, em julho de 1997.

² Doutoranda em História no IHEAL (Instituto dos Altos Estudos da América Latina), Paris III.

de Queiroz? Já no final do século XIX, numa Fortaleza de 50 000 habitantes, em pleno processo de modernização e em grande ebulção intelectual, houve um espaço para a expressão feminina fora do lar?

De fato, embora seus nomes sejam hoje esquecidos - viraram meros nomes de ruas-, encontramos duas gerações de mulheres -nascidas pelos anos 1860-70 ou 1880-90- que, entre 1883 e 1925, deixaram escritos espalhados pelos periódicos da época, publicaram alguns volumes e participaram da vida literária, cultural e até social e política do Ceará.

Para avaliar a presença e a postura da mulher no espaço público no final do século passado e no início deste, analisamos principalmente alguns exemplares ou anos inteiros de onze periódicos cearenses³: quatro são anteriores a 1900 (trata-se dos quinzenais *A Quinzena*, *O Pão da Padaria Espiritual*, do semanário *A Evolução* e do diário *Libertador*); sete datam das primeiras décadas do século XX (são dois diários, *A República* e o *Jornal do Ceará*, um semanário, *A Folha do Comércio*, duas revistas mensais, *A Estrela* e a *Revista Escolar do Instituto de Humanidades*, e os anuais *Almanaque do Estado do Ceará* e *Ano escolar*). Fora *A Estrela* e *A Evolução*, essas publicações eram dirigidas por homens; os três diários seguiam uma orientação noticiosa e política, enquanto os outros periódicos eram científicos e/ou literários. Além dessas fontes, conseguimos ter acesso a oito livros redigidos por mulheres entre 1899 e 1915.

Só neste pequeno acervo, deparamo-nos com mais de noventa nomes femininos. Todavia, dois terços são pseudônimos não identificados -quando não se trata de homens!: são nomes de flores (Violeta, Magnólia), de estrelas (Órion, Vesper), nomes famosos (Joanna d'Arc, Julietta Capuletto) ou exóticos (Walkíria Wichnu). Cada nome aparece poucas vezes, em escritos bastante fúteis -charadas ou poemas de aniversário-, e nem sempre relevantes.

Nessa ampla e diversificada produção, seis mulheres se destacam -a maioria pertencendo à primeira geração de escritoras: são elas, Ana Facó (1855-1926), Emília Freitas (1855-1908), Francisca Clotilde (1862-1935) -e sua filha Antonieta (nascida em 1890), Ana Nogueira Batista (1870-1965) e Alba Valdez (1874-1962). Podemos ainda acrescentar sete nomes de autoras menos produtivas: Serafina Pontes (1850-1923), Henriqueta Galeno⁴ (1887-1864), Adília de Luna Freire, as irmãs Abigail e Maria Sampaio, Amélia e Olga Alencar (todas nascidas pelos anos 1880).

AS PRECURSORAS E SEUS ESCRITOS

Ao examinar rapidamente as suas biografias, vemos que essas treze mulheres têm pelo menos dois pontos em comum: a profissão e a situação familiar. Assim, à imagem de outras escritoras do país, dez foram professoras -em geral da rede pública- após ter cursado a Escola Normal; a maioria não casou ou ficou casada por pouco tempo: seis ficaram solteiras e três enviuvaram cedo⁵; poucas tiveram filhos, entre essas algumas os perderam ainda bebês. Enfim, embora sejam quase todas originárias do interior do estado, mais da metade delas morou na capital cearense.

Muitas vezes sós, maltratadas pela vida e investidas de sua missão de educadoras, essas mulheres tiveram uma predisposição pessoal e profissional para escrever. E, de fato, sua produção é respeitável -com notáveis diferenças, tanto no volume dos escritos, quanto no estilo empregado e nos temas abordados.

Dentre essas treze mulheres, a mais diversificada e produtiva foi incontestavelmente Francisca Clotilde: professora, poeta e contista que usou durante os primeiros anos o pseudônimo de Jane Davy, ela praticou tanto o verso e a ficção quanto a prosa e a não-ficção e deixou, só nos periódicos examinados, mais de cento e setenta textos. Trata-se sobretudo de sonetos, contos e peças de teatro. Escreveu também algumas peças mais leves -enigmas, poemas comemorativos- e outras mais originais -traduções de folhetins europeus (Byron, Goethe, Gogol), críticas literárias (de Rocha Lima e Rodolfo Teófilo) e textos de propaganda (para o café Pery). Além disso, ela deixou três obras publicadas: um livro didático (*Noções de Aritmética*, 1889), uma *Coleção de Contos* (1897) e um romance (*A Divorciada*, 1902).

Não produziram tanto, nem foram tão ecléticas as outras escritoras dessa primeira geração de mulheres de letras. Um preferiram a prosa com tendência memorialista ou educativa, como Alba Valdez, pseudônimo sempre usado por Maria Rodrigues: ela enviou vários contos regionais, reflexões pessoais (sobre a difícil arte de ensinar) ou artigos aos periódicos -inclusive uma (boa) crítica de um novo método de leitura e um texto pedagógico sobre uma definição de Gross; além disso, publicou dois livros, um de ficção (*Em Sonho*, 1901) e o segundo de memórias (*Dias de Luz*, 1907).

Outras mulheres privilegiaram o verso. É o caso de Emília Freitas, que mandou poemas aos jornais e editou um

³ Neste artigo, nós nos limitamos ao estudo dos periódicos do Ceará; mas as escritoras da Terra da Luz publicaram também textos em revistas e jornais de outros Estados (Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro etc).

⁴ É uma das filhas do poeta Juvenal Galeno.

⁵ Podemos notar que os maridos dessas três mulheres -Emília Freitas, Ana Nogueira e Francisca Clotilde eram também jornalistas e homens de letras.

livro de poesia (*Canções do Lar*, 1891) bem como um romance (*A Rainha do Ignoto*, 1899). Outra poeta foi Ana Nogueira Baptista, que, nos periódicos, assinou muitos sonetos e, mais surpreendente, traduções⁶ de poetas franceses (Paul Verlaine, François Coppée e Sully Prudhomme entre outros); ela chegou a compor um livro de versos, *Carmes* -cuja publicação foi póstuma. Citamos ainda Serafina Pontes, que publicou os seus poemas no *Livro d'Alma*, em 1894.

Ana Facó, por sua vez, colaborou bem menos nos periódicos, mas em compensação, redigiu mais livros do que as demais mulheres -são seis no total: dois romances (*Rapto Jocosos e Nuvens*), dois compêndios de histórias, cançonetas e contos educativos (*Minha Palmatória e Comédias e Cançonetas*), um livro de memórias (*Páginas Íntimas*) e um de poesia (*Almira*). Entretanto, essa mulher que vivia muito retraída só conseguiu publicar nos jornais, enquanto viva, os contos compondo *Minha Palmatória* e os romances *Nuvens e Rapto Jocosos*: o primeiro foi editado na *República* de 1899, e os segundos foram transcritos como folhetins no *Jornal do Ceará* de 1906-1907 (sob o pseudônimo de Nítio-Abá). Como no caso de Ana Nogueira, o conjunto de sua obra só saiu do prelo em 1937-1938, após sua morte, por iniciativa de sua família.

Dentro da geração mais jovem, Antonieta Clotilde é a que mais escreveu, às vezes sob o pseudônimo de Nenuphar, e quase sempre em prosa (na *Estrela*, fez inúmeros editoriais, monólogos e diálogos); as demais mulheres de sua geração -como Henriqueta Galeno e as irmãs Sampaio- redigiram principalmente poemas. Estas últimas editaram dois compêndios de versos (*Átomos e Centelhas*, 1928 e *Luar da Pátria*, sem data conhecida). Enfim, a professora da Escola Normal Adília de Luna Freire teve uma vocação mais educativa e, numa revista ou numa outra, ao lado de fantasias, compôs biografias (de Padre Miguelinho, Manuel Beckman) ou relatou fatos históricos (a expedição de Charcot ao Polo Sul).

Em prosa ou em verso, em ficção, sob forma de lembranças ou de conferências escritas, essas escritoras cearenses da virada do século versaram sobre temas semelhantes, de forma geralmente romântica, lírica, e em conformidade com a sensibilidade e os (supostos) interesses da mulher: elas cantavam a natureza, particularmente o céu, o pôr do sol (propício à doce melancolia), as aves (como o beija-flor) e as flores (elas gostavam do lírio, símbolo de pureza, e da bonina, simples e modesta); elas evocavam ainda o tema da infância -revelando suas saudades do passado, da família e o amor pelas crianças-, enalteciam o amor -em geral triste, ameaçado ou não correspondido-, celebravam os amigos (são

inúmeros os versos para aniversários, casamentos ou falecimentos). Professoras, elas compuseram alguns escritos pedagógicos, à imagem de Alba Valdez e Adília de Luna Freire -já citadas- de Francisca Clotilde que escreveu um artigo sobre “A educação moral das crianças na escola”⁷, ou de Ana Facó que redigiu os “contos incentivos” de *Minha Palmatória* à intenção de seus “queridos alunos”, sendo “uns para fortalecerem qualidades louváveis, outros para combaterem vícios (...) e defeitozinhos”⁸. Educadas na religião cristã, elas louvam enfim Deus e a moral.

Esses temas gerais aparecem tanto nos textos femininos publicados em periódicos masculinos quanto, para nossa surpresa, naqueles retranscritos na *Estrela*, a revista feminina cearense de maior duração (existiu de 1906 até 1921), a única a que tivemos acesso. Esta revista mensal fundada por Antonieta Clotilde e publicada em Baturité e depois em Aracati, sempre foi bastante conservadora. Nas suas doze e logo dezesseis páginas, encontramos só trechos literários (poemas, contos etc) e algumas seções fixas (aniversariantes do mês, agradecimentos e recados aos colaboradores, pequenos acontecimentos locais). Mas não contém nenhuma seção tida como “feminina” -moda, cozinha- e muito menos “feminista”, ao contrário de outras revistas femininas da mesma época ou até anteriores, publicadas em São Paulo, Rio ou Recife -cidades maiores, é verdade. Com efeito, essa revista de moças -as redatoras tinham entre 15 e 25 anos- na qual Francisca Clotilde colaborou muito, queria agir em prol da instrução e espalhar a fé e a moral cristã; as moças modernas, as melindrosas e vaidosas, eram condenadas; só valiam a modéstia e a virtude, tanto para encontrar um bom marido -o casamento é um tema central- quanto para viver em paz com Deus... Resta agora a saber se as outras revistas cearenses dirigidas por mulheres -em particular *O Astro*, fundado em 1902 pelas irmãs Alencar- adotaram a mesma postura tradicional.

No entanto, ao lado desses textos finalmente pouco surpreendentes, típicos da sensibilidade e da educação femininas daquela época e atemporais -senão impessoais-, descobrimos alguns escritos mais originais, em que as mulheres se revelam bastante livres, trabalhando temas prediletos.

Desta forma, vemos aparecer tópicos regionais e nacionais, revelando o amor dessas mulheres pela sua terra, e o seu orgulho em serem brasileiras e cearenses⁹. Algumas, sobretudo Francisca e Antonieta Clotilde, escreveram de fato vários poemas e textos saudando o inverno no sertão cearense¹⁰, celebrando as gloriosas datas cearenses e bra-

⁶ No 22.02.1899, Ana Nogueira obteve o primeiro lugar num concurso de tradução (de um soneto de F. Coppée) organizado pelo jornal *A República*, fato que prova a habilidade da autora neste ofício.

⁷ *A Quinzena*, 15.02.1887, pp. 5-6.

⁸ Ana Facó, *Minha Palmatória*, s/l: Tip. Minerva, 1938, póstumo, p. 111.

⁹ Antonieta Clotilde, “O Brasil e o Ceará (diálogo)”, in *A Estrela*, fevereiro de 1920, pp. 4-6. Francisca Clotilde, “O Ceará”, poema, in *Ano Escolar para 1910*, pp. 64-66.

¹⁰ Francisca Clotilde, “O inverno”, poema, in *A República*, 02.03.1901, p. 1; “O inverno”, soneto, in *A Estrela*, janeiro de 1920, p. capa.

sileiras (descoberta do Brasil, independência do país¹¹, destaque dos cearenses durante a guerra contra o Paraguai, abolição da escravatura no Ceará¹² e no Brasil¹³), e enaltecendo a pátria¹⁴ e a bandeira¹⁵. Maria Sampaio, por sua vez, ousou abordar de frente o tema do desespero violento e até do suicídio¹⁶.

Além desses temas, o tratamento dado a assuntos tradicionais, como os episódios bíblicos e históricos, merece interesse: F. Clotilde, particularmente, animou-se em reescrever os principais capítulos da vida de Jesus de modo ágil, simplificado e cheio de preconceitos europeizados (crianças louras, clima frio,...). Desta maneira, esses escritos ganham novo sentido em si, por refletirem a mentalidade feminina cearense da época.

Até agora, só comentamos os textos avulsos. Nos livros publicados, os sentimentos íntimos e a personalidade das escritoras transparecem de maneira mais clara ainda.

Os menos ambiciosos e novadores, mas ainda dignos de atenção, são quatro dos livros de Ana Facó: os dois destinados à educação moral de seus alunos (*Minha Palmatória* e *Comédias e Cançonetas*) são humorísticos, e a autora se compraz em estigmatizar e ridicularizar os modismos e esnobismos da época -como o afrancesamento da alta sociedade fortalezense do início deste século¹⁷; quanto ao seu livro de memórias (*Páginas Íntimas*), ele lhe oferece a oportunidade de confessar que ela, a educadora reconhecida, só exerceu o magistério porque, órfã aos vinte anos, não quis “se tornar um fardo”¹⁸ para os seus irmãos, e essa era a sua única possibilidade de ganhar a vida e conservar a sua independência. Nada de vocação, pois.

Da mesma autora, os romances *Nuvens* e *Rapto Jocososo* contam duas histórias de amor contrariado, a primeira no seio da mocidade da capital cearense, a segunda numa aldeia pobre do interior; o tom é divertido, até irônico, leve e rápido, privilegiando os diálogos, com várias inclusões de expressões e provérbios populares. O cenário (cidade ou campo) e os costumes da época (bailes, brincadeiras, casamentos matutos) são cuidadosamente descritos e as personagens são nitidamente enraizadas na realidade cearense. A análise

psicológica é bem feita. Enfim, a leitura nos é ainda agradável, pelo fato de a autora não abusar do lirismo e dos devaneios; predominam o humor, a ação e as cenas pitorescas.

A Divorciada, romance de Francisca Clotilde, insere-se também explicitamente no cotidiano cearense, com a descrição de lugares típicos da capital (o Passeio Público, o Hotel do Norte) e a representação da emigração dos homens da terra para os seringais da Amazônia, onde imaginavam fazer fortuna. O livro, que a modesta autora garante não estar filiado “a escola alguma dos grandes mestres”¹⁹, conserva todavia muitos traços românticos, como longas descrições líricas, e uma personagem principal que só possui virtudes, verdadeiro anjo-mártir, filha, esposa e mãe obediente e dedicada, cujas ações são previsíveis. No entanto, em meio a tanta formalidade, o tema abordado é bastante escandaloso para a época: trata-se do divórcio, opção que a heroína recusa no início mas que, sob as instâncias de seu pai e frente à realidade de um marido perdido pelo vício do jogo e que a abandonara, ela deve enfrentar. Só assim ela pode continuar a viver e criar dignamente seu filho. Mesmo nessas condições, o livro vale por abordar esta questão tabu, e não surpreende tanto quando se conhece a situação matrimonial aparentemente caótica da autora: casada com um primeiro homem, viveu uma “paixão proibida”²⁰ com um outro -que lhe dará quatro filhos antes de morrer- e teve finalmente mais dois filhos de um terceiro companheiro.

A Rainha do Ignoto, de Emília Freitas, é o romance mais curioso e novador. Aliás, a autora tem consciência de sua originalidade, ao declarar ao leitor que seu livro “não tem padrinhos, assim como não teve molde”, mas é “antes de tudo a cogitação íntima de um espírito observador (...) que (...) procurou (...) estudar a alma da mulher, sempre sensível e muitas vezes fantasiosa”. O livro começa como uma obra regionalista, a ação situa-se perto de Aracati, e assistimos a cenas e comportamentos bem sertanejos, como as festas juninas. Mas logo o romance parte para o irreal e o mistério, ao retratar uma sociedade de mulheres chefiada por uma Rainha, que vive debaixo da terra e usa hipnotismo, espiritismo e fenômenos paranormais para proteger os fracos (sobretu-

¹¹ Francisca Clotilde, “7 de setembro”, soneto, in *A Estrela*, agosto/setembro de 1921, capa.

¹² Alba Valdez, “Uma data cearense”, texto em prosa, in *Ano Escolar para 1910*, p. 54-56; Francisca Clotilde, “A jangada” [Dragão do Mar], texto em prosa, in *Ano Escolar para 1908*, p.365-367; Francisca Clotilde, “O jangadeiro”, texto em prosa, in *Folha do Comércio* (Aracati), 26.03.1911, p. 1.

¹³ Antonieta Clotilde, “Abril e Maio (diálogo)”, in *A Estrela*, abril de 1918, pp. 5-7; Francisca Clotilde, “13 de maio”, poema, in *Libertador*, 13.05.1890, p. 3.

¹⁴ Abigail Sampaio, “Pátria”, texto em prosa, in *A Estrela*, março de 1918, p. 9; Antonieta Clotilde, “Pátria brasileira”, texto em prosa, in *Ano Escolar para 1910*, pp. 62-63; Francisca Clotilde, “A pátria”, conto, in *A Estrela*, abril de 1910, pp. 3-4.

¹⁵ Francisca Clotilde, “A bandeira”, 2 sonetos, in *A Estrela*, maio de 1910, capa e outubro de 1910, pp. 4-5.

¹⁶ Maria Sampaio, “O suicida”, soneto, in *Jornal do Ceará*, 23.12.1910, p.2; “Decepção”, soneto, in *Jornal do Ceará*, 20.12.1911, p. 1.

¹⁷ Este traço foi ironizado por vários escritores da época e, entre as mulheres, por F. Clotilde -ver o seu poema “Dom Gallicismo”, in *Ano escolar para 1908*, pp. 328-329.

¹⁸ Ana Facó, *Páginas Íntimas*, s/l: Livraria Humberto, 1938, póstumo, p. 105.

¹⁹ Francisca Clotilde, “Cartão de visita”, in *A Divorciada*, Ceará: ed. Terra Bárbara, 1996, 2a. ed., p. II.

²⁰ Ver Angela Barros Leal, “Em busca de Francisca Clotilde”, Segundo Caderno, in *O povo*, 08.11.1988.

do as mulheres e as crianças) e lutar contra a injustiça. Considerado como um “pioneiro do fantástico no Brasil”²¹, este romance é notável por sua forma como pelo tema abordado: a Rainha proclama-se espírita -e confessa que perdeu a fé cristã-, tem preceitos republicanos, abolicionistas -vai libertar uma centena de escravos maltratados numa fazenda de Pernambuco- e dirige uma sociedade feminina e feminista, onde as mulheres exercem as mais diversas profissões (doutor, mecânico, general, engenheiro). Além disso, o livro revela a erudição da autora, que insere trechos em francês e inglês, evoca a construção do túnel sob a Tâmisia em 1825 e cita os vultos da música alemã e italiana, bem como os principais pintores da Itália.

Ora sinceras e modernas, ora retraídas e conservadoras nos seus escritos, essas mulheres parecem ter oscilado entre ousadia e conformismo, mostrando uma certa ambiguidade no seio mesmo de seus dizeres. Nos seus gestos e fatos, e particularmente na sua atuação na vida literária e cultural da época, essa confusão -esse medo?- surge de novo.

ATUAÇÃO NA CENA PÚBLICA (LITERÁRIA, POLÍTICA E SOCIAL)

Parece serem poucas as mulheres de letras que ousaram falar e agir na cena pública; a maioria restringiu a sua atuação à escrita. Tímidas, ou com outras preocupações, somente algumas escritoras tentaram ingressar nos novos grêmios literários que se multiplicaram a partir de 1875 em Fortaleza. No século XIX, somente Francisca Clotilde pertenceu ao Clube Literário (1887-1888). No século XX, Alba Valdez firmou presença em diversas agremiações e foi muitas vezes pioneira: foi sócia do Centro Literário a partir de 1900²², da Sociedade de História e Geografia do Ceará²³ (de 1911), e foi a primeira mulher admitida na Academia Cearense de Letras, durante a renovação de 1922²⁴. Mais importante ainda, com a ajuda de amigas, professoras ou escritoras -como as irmãs Alencar e Adília de Luna Freire- ela fundou em 1904 a primeira “associação de letras”²⁵ feminina: a Liga Feminista Cearense. Vale enfim lembrar a atuação de Henriqueta Galeno,

que, em 1919, criou também um círculo literário, o Salão de Juvenal Galeno -empenhado em realidade na divulgação dos poemas de seu pai.

Foram aliás essas mesmas figuras que criaram as raras revistas redigidas -totalmente ou parcialmente- por mulheres. Em julho de 1888, sabemos que Francisca Clotilde lança, com o seu companheiro o capitão Antônio Duarte Bezerra e um outro colega, o semanário científico, literário e noticioso *A Evolução* -que dura até 1889; entretanto, apesar de ela assinar uma grande parte dos textos, o nome mesmo de F. Clotilde não consta da primeira página do periódico; ela aparece, às vezes e mais discretamente, como “colega de redação”²⁶. Neste mesmo ano de 1888, o nome de F. Clotilde é incluído, com destaque desta vez, no grupo dos colaboradores do *Domingo*, revista para as famílias. A sua colaboração será enfim muito importante durante os 15 anos de existência da revista mensal *A Estrela*, criada em 1906 por sua própria filha Antonieta -como já vimos. Contemporâneas de Antonieta, as irmãs Alencar fundam em 1902, também em Baturité, a revista *O Astro*. Enfim, se Alba Valdez nunca criou seu próprio órgão, ela foi uma colaboradora valiosa para vários periódicos literários cearenses²⁷ -como *Panóplia*, de cujo comitê de redação faz parte em 1913-1914.

No campo mais exposto e violento das lutas políticas e sociais, a voz das escritoras é mais tênue ainda -e mais ambígua.

A primeira batalha dos anos 1880, a da abolição da escravatura, provocou o entusiasmo de Emília Freitas e Francisca Clotilde. Em janeiro e março de 1883, a primeira pronunciou diversos discursos para a nova sociedade abolicionista feminina Cearenses Libertadoras²⁸; a segunda publicou no *Libertador* -principal órgão abolicionista- diversos poemas saudando a abolição na capital cearense²⁹ (24.05.1883), e no Estado como um todo³⁰ (25.03.1884). Além disso, temos indicações -ainda não confirmadas- da atuação de outras escritoras (Serafina Pontes, Ignácia de Mattos Dias) em prol desta causa. Entretanto, devemos reconhecer que essa contribuição parece finalmente bastante fraca: em 1883 e 1884, as mulheres escrevem muito nos jornais, mas sem

²¹ Otacílio Colares, “A Rainha do Ignoto, romance cearense, pioneiro do fantástico no Brasil”, in *Lembrados e esquecidos, ensaios sobre a literatura cearense*, vol.III, Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977, p.11.

²² Criado em 1894, o Centro sofreu nessa data uma grande reorganização, entrando 37 novos membros.

²³ Ela ingressará no Instituto do Ceará somente em 1936, no cadeira ocupada antes pela professora de geografia Júlia Leão de Vasconcelos.

²⁴ As relações de Alba Valdez com a Academia Cearense de Letras foram tumultuadas: admitida -com 31 outros novos membros- durante a renovação da entidade feita em 1922 por Justiniano de Serpa para salvar um grêmio que ia morrendo desde 1914, a escritora foi excluída no momento da reorganização de 1930, por ser “considerada da velha guarda” -segundo Olga Monte Barroso, in *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*, vol.2, Fortaleza: ed. Henriqueta Galeno, 1971, p. 487. Finalmente, por sua grande satisfação, Alba Valdez foi reintegrada na Academia Cearense de Letras em 1953.

²⁵ *A República*, 24.06.1904, p.2.

²⁶ *A Evolução*, 19.10.1888, p.1.

²⁷ F. Clotilde, Alba Valdez e várias escritoras cearenses (Ana Facó, Adília de Luna Freire, Ana Nogueira, Emília Freitas etc) participaram também de inúmeros periódicos (femininos ou não) publicados nos outros Estados do país -portanto, fora dos limites deste artigo.

²⁸ Instalada no 06.01.1883, essa associação era dirigida por Maria Tomásia.

²⁹ Francisca Clotilde, “Liberdade”, in *Libertador*, 18.08.1883, p.3.

³⁰ Francisca Clotilde, “Aos Libertadores”, in *Libertador*, 25.03.1884, p. 2.

nenhuma ligação com a abolição; e, em 1888, a seca que castigou o Ceará mereceu mais a sua atenção do que a Lei Áurea.

Como o abolicionismo, o advento da República teria suscitado a adesão dos principais escritores cearenses, homens como mulheres, afirma o crítico Otacílio Colares num artigo sobre F. Clotilde³¹. Todavia, pelo menos nos *Libertador* e *Pedro II* do final de 1889, não encontramos, até agora, nenhum texto feminino a respeito da mudança de regime político. Talvez porque esta não requereu delas (nem dos cearenses em geral) um esforço tão grande como para a Abolição -vitória cearense precoce, enquanto a República seria mais um esforço carioca. Exceto alguns escritos de ficção, como *A Rainha do Ignoto* -que já denunciava a escravidão, as escritoras cearenses não evocaram muito o fato.

Problema bem local este, os abusos da oligarquia aciolina provocaram a reação de Francisca Clotilde que, à imagem das Fortalezenses reunidas em dezembro de 1911 numa Liga Feminina Pró-Ceará Livre, fez campanha em Aracati para o candidato da oposição, Franco Rabelo, escrevendo artigos no início de 1912 na *Folha do Comércio*³². Entretanto, não sabemos se ela foi a única escritora engajada nesta luta.

No campo social, podemos mencionar a atuação de algumas mulheres que, no momento da primeira guerra mundial, participaram de organizações sociais e caritativas -tradicionalmente femininas: em 1918, Alba Valdez é primeira secretária da Cruz Vermelha Cearense, enquanto Henriqueta Galeno é uma de suas numerosas diretoras.

Mais do que qualquer outra causa, o feminismo reflete as contradições das mulheres de letras, que em geral não assumem uma posição clara -seja no direito de trabalhar, de votar ou de divorciar.

No final do século XIX, até a combativa Francisca Clotilde hesitou em enfrentar os preconceitos da época sobre a questão da emancipação feminina. Num longo artigo sobre “A mulher na família”, publicado na *Quinzena* em março de 1887, ela expõe uma concepção do papel da mulher próxima da dos positivistas: fraca, ela é destinada ao lar e não “à vida de luta, no seio da sociedade”; boa e instruída, ela deve ser a “companheira do homem” e a “educadora dos filhos”³³. Formar os futuros cidadãos e cuidar do bem-estar da sua família é pois, para a mulher, “mil vezes mais glorioso” e “mais proveitoso”³⁴ do que estudar, entregar-se à política ou exercer um cargo público. No entanto, F. Clotilde não se-

guiu à risca sua própria linha, escreveu a respeito do divórcio e, já viúva e com os filhos crescidos, se intrometeu em 1912 em política, onde defendeu a participação da mulher: esta, se não tinha ainda o direito de votar e ser votada, possuía pelo menos “o dever sagrado de acompanhar o homem, máxime quando ele se bate pela pátria em seus dias nefastos e trabalha pela liberdade e pelo progresso”³⁵.

Apesar do seu nome, a Liga Feminista Cearense de Alba Valdez não pretendia, pelo menos explicitamente, lutar pelos direitos políticos da mulher. Acusadas por um redator da *República* de querer tomar o lugar dos homens, as suas sócias respondem que seu fim “certamente não é ambicionar o direito de voto”³⁶ e que elas mesmas não têm “coisa alguma com a política”. A Liga seria, pois, mais feminina do que propriamente feminista³⁷; mas que devemos pensar então da declaração seguinte dessas mesmas redatoras do *Astro*, afirmando que as mulheres podem destacar-se fora do lar, à frente de importantes estabelecimentos comerciais por exemplo, e assim “masculinizar-se pela prática de fatos heróicos, pela grandeza das ações e nobreza dos sentimentos”? A ambigüidade persiste.

As outras escritoras, quando demonstraram publicamente uma preocupação para com os direitos civis e políticos da mulher, já o fizeram tarde -quase à véspera do novo Código Eleitoral de 1932 que autoriza o sufrágio feminino-, e de maneira moderada. Citamos aqui, só para lembrar -pois fica fora do nosso recorte- a declaração prudente de Henriqueta Galeno, representante do Ceará no Rio, em julho de 1931, por ocasião do congresso da Federação Feminina pelo Progresso Feminino (de Berta Lutz); se ela quer a liberdade profissional para a mulher, a filha de Juvenal Galeno -que se formou em Direito em 1918 mas renunciou ao cargo de Promotora da Capital por vontade paternal- não visa a igualdade absoluta com o homem: “Não sou intolerante. Defendo os direitos do meu sexo sem exageros extremados”.

Da primeira geração de mulheres de letras, só nos resta assim a queixa solitária de Ana Facó que, em *Páginas Íntimas* -escrito antes de 1915- reclama da falta de oportunidades de trabalho -e de vida!- para a mulher, da desigualdade entre os sexos e do homem, que “fez da mulher fonte sedutora de suas distrações e deu-lhe para campo de suas ações o lar, somente o lar”. A mesma termina saudando a abertura do mercado do trabalho para a mulher, que, neste

³¹ Ver “A Divorciada, de Francisca Clotilde -um romance ousado e esquecido”, in *Lembrados e esquecidos, ensaios sobre a literatura cearense*, vol.III, Fortaleza: UFC, 1977, p. 55.

³² Esses artigos foram reunidos numa brochura de 70 páginas editada em Aracati, *Pelo Ceará*, que não tivemos ainda a possibilidade de consultar.

³³ *A Quinzena*, 15.03.1887, p. 8.

³⁴ *A Quinzena*, 30.03.1887, p. 7.

³⁵ Trecho do artigo “A mulher na política”, da brochura *Pelo Ceará*, citado por Stella Barbosa de Araújo, in *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*, vol.1, Fortaleza: ed. Henriqueta Galeno, 1971, p. 241.

³⁶ “Respondendo”, de *O Astro* para *A República*, in *Jornal do Ceará*, 08.07.1904, p. 2.

³⁷ Na verdade, os dois termos eram quase sinônimos na época e os jornais empregavam um pelo outro.

início de século XX, “felizmente (...) já vai competindo com o homem em grande número de empregos”³⁸.

Finalmente bem comportadas, bastante discretas e hesitantes nas suas reivindicações, essas mulheres de letras, mesmo assim, não foram muito bem aceitas pelo meio intelectual masculino cearense. Pois, talvez mais do que as mulheres, os homens de letras tiveram também as suas contradições e ambigüidades.

REAÇÕES DOS HOMENS DE LETRAS

No campo cultural e literário, a presença da mulher foi até bem aceita. As escritoras eram colegas de grêmios ou de jornais e os seus escritos (em particular os romances) eram em geral elogiados -mesmo que fosse de modo superficial, rápido e convencional.

As raras críticas abertas foram bastante “construtivas” -à imagem de Abel Garcia exortando em julho de 1887 Francisca Clotilde, sua colega do Clube Literário, a abandonar o romantismo ultrapassado para abraçar o naturalismo triunfante e especificamente o “romance psicológico”, onde ele lhe prognostica uma grande carreira.

A apreciação masculina dos escritos femininos varia, o resto do tempo, entre elogios impessoais e críticas veladas. Mas, aos poucos, com o passar dos anos, os críticos mostraram-se mais tolerantes e entusiásticos (ou conformados?) para com escritoras já reconhecidas.

Carlos de Vasconcellos, na *República* de fevereiro de 1901, julga assim que Alba Valdez tem um “ritmo suave e melodioso”, um “estilo místico e fluente”, e elogia Francisca Clotilde (que ainda não tinha publicado *A Divorciada*), como a “terna poetisa do estro mavioso e apaixonado, cujas produções provocam o sentimento de amor e o êxtase das admirações”. Enfim, ele admira Emília Freitas que, na *Rainha do Ignoto* (1899), “denota um espírito observador, pois diversas cenas relativas aos costumes dos filhos do sul e do norte são descritos com muita verdade”; todavia, ele se refere somente ao aspecto regionalista da obra, deixando o lado social, político, feminista e fantástico do romance, por demais original.

Mais explícito, na *Revista da Academia Cearense* de 1902 Rodrigues de Carvalho expressa seu constrangimento ao ler o primeiro livro de Alba Valdez (*Em Sonho*, 1901), pois, apesar do “estilo fluente, fácil e delicado (...), próprio de uma mulher sonhadora”, o conjunto torna-se monótono, e sobretudo inconveniente da parte de uma mulher; em vez de falar

de “idéias inatingíveis, doentias, como aspirações que vão tocando à descrença”, a autora deveria ter feito uma obra útil, como “um livrinho de contos para a infância”³⁹. Sabemos, no entanto, que esse livro foi bastante apreciado, tanto no Brasil como no exterior -alguns capítulos foram até traduzidos em sueco. Finalmente, a mesma autora ficou unanimemente reconhecida com seu segundo livro (*Dias de Luz*, 1907): tanto o formato, curto, quanto a fina análise psicológica de tipos e os temas abordados -é um hino à instrução e ao patriotismo, trata-se de uma obra séria, pois- conquistaram logo os críticos cearenses (o redator da seção “Publicações” da *República* do 08.03.1907, p.1, um colaborador da seção “Boa leitura” da *Revista escolar* do 13.05.1907, p.14 e mais tarde, Pedro de Queiroz no seu livro *Fragments*⁴⁰, 1916, pp.17-19).

Na mesma época, Ana Facó encontrou também uma certa consagração. Com efeito, se os seus escritos não receberam muitos elogios -encontramos apenas numa revista carioca⁴¹ uma crítica admirativa de um texto seu, “Idéias solutas”- parte deles foi publicada aos poucos na *República* em 1899 e no *Jornal do Ceará* em 1906-1907, o que representa um caso inédito entre as escritoras cearenses da época.

Para concluir sobre o desinteresse quase geral dos homens de letras pela produção literária feminina, a única apreciação encontrada a respeito de *A Divorciada*, de Francisca Clotilde, foi escrita quase dez anos após a publicação do livro, e por um periódico não cearense. De fato, no 16.04.1911, a *Folha do Comércio* de Aracati reproduz, em primeira página, uma crítica elogiosa do livro, publicada pouco antes pela pernambucana *Gazeta de Pesqueira*. Mas, enquanto o periódico cearense limita-se a parabenizar “o másculo talento”⁴² da nossa prezada colaboradora”, o redator da *Gazeta de Pesqueira* vai mais fundo, elogia a simplicidade do estilo e detalha as qualidades sentimentais e moralizadoras do livro, onde o divórcio, por estar examinado, não é senão um “remédio extremo às almas que buscam repouso e não a seqüência de prazeres mundanos”.

Assim, de modo geral, houve mais indiferença ou paternalismo do que uma franca hostilidade para com as escritoras. Podemos pensar que existiu até uma certa solidariedade entre os cultores das letras, sobretudo nesta cidade pequena, onde o meio intelectual era bastante reduzido e onde todos, por força, se conheciam. De fato, sejam homens ou mulheres, estes trocavam favores e mantinham relações de cortesia; eles dedicavam poemas ou textos um ao outro, mandavam parabéns por ocasião de aniversários, se infor-

³⁸ Ana Facó, *Páginas Íntimas*, s/l: Livraria Humberto, 1938, póstumo, p. 105.

³⁹ Rodrigues de Carvalho, “Resenha bibliográfica do ano”, in *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza: tip. Studart, 1902, p. 183.

⁴⁰ Ver Pedro de Queiroz, “Impressões de leitura”, in *Fragments*, Fortaleza: tip. Minerva, 1916, p. 17-19.

⁴¹ S.R., “Bibliografia”, in *Revista Social*, setembro de 1910, p. 46.

⁴² Essa expressão faz eco ao “masculinizar-se” empregado pelas redatoras do *Astro* na *República* do 08.07.1904 e à auto-definição da Rainha do Ignoto, que diz ter um “gênio varonil”, isto é, um “espírito forte” (Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto*, p. 294). Na época, pensava-se que tudo que provinha do homem era bom, que o masculino era sempre superior ao feminino e para elogiar uma mulher de letras dizia-se, pois, que ela demonstrava qualidades masculinas: a poetisa era chamada de “poeta” e seu escrito era “viril”.

mavam reciprocamente sobre os lançamentos de livros e revistas, publicavam escritos do outro sexo nos seus jornais etc. Os periódicos visavam de fato um público misto e a maioria dos jornais masculinos mantinha seções claramente destinadas às leitoras (como os folhetins, as charadas ou a parte “Para as senhoras” do *Jornal do Ceará* de 1907). Essa solidariedade literária entre homens e mulheres parece fazer eco à rede de amizade existindo entre as escritoras cearenses -e brasileiras; sabemos, por exemplo, que Francisca Clotilde, Alba Valdez e Serafina Pontes eram muito amigas.

Na vida social e política, a participação da mulher despertou mais receios e contradições da parte dos homens.

No momento das lutas para a Abolição e a República, os jornalistas incentivaram as mulheres -de letras ou não- a combaterem ao seu lado, pois, segundo eles, a virtude, a bondade e a abnegação femininas só podiam ajudar. O primeiro número do *Libertador*, no 01.01.1881, pp.2-3, faz assim um apelo “Às senhoras cearenses”, enaltecendo as qualidades dessa “legião de anjos”. Esse apelo sedutor é reiterado no 22.08.1889, p.3, desta vez “às senhoras republicanas”, às quais o redator promete um lugar mais digno na nova sociedade: de fato, “só o governo democrático será capaz de dar às divinas companheiras do homem, o lugar que de direito lhes compete na sociedade, onde os reis de todos os tempos pretendem fazê-las escravas”. No entanto essa promessa não conseguiu animá-las.

A questão da emancipação da mulher porém não agradou muito aos homens. Somente o seu combate pelo direito de estudar e de trabalhar foi, pouco a pouco, bem recebido; com efeito, se o *Libertador* publica em junho de 1884 uma série de frases e citações bastante conservadoras quando não irônicas sobre “A educação da mulher”, alguns anos mais tarde o tom muda: as primeiras cearenses formadas em medicina e em farmácia (em 1890 e 1904) ganharam elogios dos jornalistas, provavelmente mais patrióticas do que feministas, e o direito à uma instrução feminina mais sólida foi afirmado, embora tarde, pela *Revista Escolar* de fevereiro de 1912, pp.1-2. Entretanto, os outros direitos da mulher, em particular os direitos políticos, não tinham a simpatia dos redatores de jornais. A partir de 1890 e sobretudo na virada do século, estes informavam regularmente dos avanços do voto feminino, no Brasil como na Europa e nos Estados Unidos, mas sem comentar os fatos. O único comentário feito, em outubro de 1890, por um redator do *Libertador*, a respeito das eleições em Espírito Santo -onde sete mulheres receberam votos como deputadas e quatro como senadoras- deixa dúvidas quanto ao sentimento do jornalista: meio-louvador, meio-irônico, ele aconselha às cearenses desejosas de entrar no Parlamento, a fazer “algumas promessas ao Padre e ao Filho, que as do Espírito Santo, vão já meio caminho”⁴³ ...

Mais abrangente -e mal compreendido-, o conceito geral de Feminismo gerou reações opostas nas penas masculinas. Se os jornalistas já tinham exaltado o altruísmo e o civismo da cearense (como Abel Garcia num longo artigo sobre “A mulher cearense” publicado em três números da *Quinzena*, do 30.01. ao 28.02. 1887), poucos foram tão longe quanto Carlos de Vasconcellos numa série de seis artigos sobre “O feminismo no Ceará” (na *República*, do 16.02 ao 27.02.1901), onde ele apela para a “necessária emancipação”⁴⁴ da mulher, pois “a justiça não admite exclusões”⁴⁵. Os demais redatores, neste e nos outros jornais, se contentavam em dar notícias informativas sobre o feminismo no mundo, quando não escreviam crônicas ridicularizando atitudes ditas “feministas”. A questão do divórcio, enfim, só encontrou hostilidade: a título de exemplo, na *Revista Escolar* de agosto de 1912, p.30, um jornalista elogia um artigo da carioca *Revista Social* denunciando a lei do divórcio como uma “imoralidade”, uma “miséria repulsiva”, uma “involução à poligamia pagã, decaída, ridícula e desprezível”. No entanto, não achamos até agora nenhum artigo criticando desfavoravelmente o romance *A Divorciada*, de Francisca Clotilde.

Nesse contexto geral, com colegas indecisos e até irônicos quanto aos direitos da mulher e à sua participação na cena pública, as timidez, hesitações e contradições femininas não surpreendem, e finalmente poucas mulheres conseguiram adequar os seus escritos à sua vida, sendo mais livres nesta ou naqueles. Mesmo assim, e apesar do estado ainda incompleto do nosso estudo, podemos já pensar que elas acostumaram a sociedade cearense à convivência com um novo tipo de mulher -que estuda, se expressa, age, se destaca às vezes- e prepararam talvez a chegada de uma nova geração de escritoras, mais ousadas, determinadas e originais, com Rachel de Queiroz à sua frente.

FONTES:

1. Periódicos cearenses:

A Estrela, Baturité e Aracati: 1909; 1910; 1916; 1918; 1919; 1920; 1921.

A Evolução, Fortaleza: do 26.07.1888 até 01.04.1889.

Almanaque do Estado do Ceará, Fortaleza: 1900; 1901; 1904; 1907; 1908; 1909; 1910; 1916; 1917; 1920; 1922.

Ano Escolar, Fortaleza: 1908; 1910.

A Quinzena, Fortaleza: 15 dos 30 números, do 15.02.1887 ao 03.05.1888.

A República, Fortaleza: janeiro a julho de 1899; janeiro a março de 1901; março de 1907.

Folha do Comércio, Aracati: 1911.

⁴³ “A mulher no Congresso”, in *Libertador*, 25.10.1890, p. 2.

⁴⁴ Carlos de Vasconcellos, “O feminismo no Ceará”, in *A República*, 16.02.1901, p. 4.

⁴⁵ Carlos de Vasconcellos, “O feminismo no Ceará”, in *A República*, 25.02.1901, p. 4.

Jornal do Ceará, Fortaleza: 1904; 1907; 1910; 1911.
Libertador, Fortaleza: 1881; julho a dezembro de 1883; março a julho de 1884; fevereiro e dezembro de 1887; janeiro, abril e maio de 1888; julho a dezembro de 1889; 1890.
O Pão da Padaria Espiritual, Fortaleza: 30.09.1896 e 31.10.1896.
Revista Escolar do Instituto de Humanidades, Fortaleza: 1907; 1909; 1910; 1911.

2. Livros publicados por mulheres cearenses:

CLOTILDE, Francisca, *A Divorciada*, Ceará: editora Terra Bárbara, 1996, 2a ed.
FACÓ, Ana, *Alnira*, s/l: Livraria Humberto, 1937, póstumo.
———, *Rapto Jocosos (romance popular histórico)*, s/l: Livraria Humberto, 1937, póstumo.
———, *Nuvens*, s/l: s/e, 1938, póstumo.
———, *Minha Palmatória*, s/l: tip. Minerva, 1938, póstumo.
———, *Páginas Íntimas*, s/l: Livraria Humberto, 1938, póstumo.
———, *Comédias e Canções*, s/l: Livraria Humberto, s/d, póstumo.
FREITAS, Emília, *A Rainha do Ignoto (romance psicológico)*, Fortaleza: SCD/IOCE, 1980, 2a ed.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARAÚJO, Stella Barbosa de, “Francisca Clotilde”, in *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*, vol.1, Fortaleza: ed. Henriqueta Galeno, 1971, pp.235-249.
AZEVEDO, Sânzio de, *Literatura Cearense*, Fortaleza : ACL, 1976.
BARROSO, Olga Monte, “Alba Valdez”, in *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*, vol.2, Fortaleza: ed. Henriqueta Galeno, 1971, pp.485-497.
CARVALHO, Rodrigues de, “Resenha bibliográfica do ano”, in *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza: tip. Studart, 1902, p.183.
COLARES Otacílio, “A Rainha do Ignoto, romance cearense, pioneiro do fantástico no Brasil”, in *Lembrados e esquecidos, ensaios sobre a literatura cearense*, vol.III, Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977, pp.11-51.
COLARES Otacílio, “A Divorciada, de Francisca Clotilde - um romance ousado e esquecido”, in *Lembrados e esquecidos, ensaios sobre a literatura cearense*, vol.III, Fortaleza: UFC, 1977, pp.55-78.
LEAL, Ângela Barros, “Em busca de Francisca Clotilde”, in *O Povo*, 08.11.1988.